

Director—António Dantas, filho
 Secretário da Redacção—A. Guimarães
 Editor—António de Araújo Carvalho Júnior

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 Rua de Gil Vicente, 93—GUIMARÃES

Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranesse
 RUA DE PAIO GALVÃO

O Caloiro

QUINZENÁRIO ACADÉMICO

Propriedade da Empresa de O CALOIRO

Guimarães, 15 de Dezembro de 1911

Expediente

Abrimos esta ligeira secção cumprimentando os nossos colegas nas árduas lutas da Imprensa.

*

Aos que nos forem conhecendo agradecemos antecipadamente a honra da permuta.

* * *

Não somos ousados. Começamos o nosso jornalzinho com formato de criança. Mas esperamos alargá-lo, aumentá-lo, sem variar o preço. Fazemos propaganda de instrução, sem explorar os nossos companheiros escolares. Para assim crescermos, esperamos que os nossos camaradas, por um brio de classe e por um sentimento de bem fazer, propaguem o nosso jornal e lhe façam sorrir uma vida venturosa.

* * *

Aos que não se dignem assinar o jornal, queremos dever o favor da devolução sem demora.



Ao que vimos

Diz a famosa anedota que o nosso grande Bocage fôra, numa escura noite, assaltado por um grosso bando de amigos do alheio, fazendo-lhe o chefe a pergunta seguinte:

Quem é, donde vem e para onde vai?

E o poeta, no seu inesgotável bom humor, retorquiu:

Sou Bocage, venho da aldeia de Nicola, e parto para o outro mundo se disparas a pistola.

Perante esta saída tão faceta, o bando poupou o inofensivo e depenado transeunte.

Ora nós não esperamos que os amigos do público desfrute e da alheia crítica nos venham interrogar e amedrontar nesta caliginosa cerração do Mundo da Imprensa.

Não. Dizemos antecipadamente da nossa justiça. Somos simplesmente caloiros, inocentes filhinhos de Minerva, que nos abriga na sua capa velhinha.

Vimos da noite cerrada da ignorância e tentamos os primeiros passos na estrada iluminada do humano saber.

E vamos apresentar-nos ao domínio da pública má lingua que é esta coisa chamada Imprensa.

* * *

E' verdade. Os nossos livros não são os nossos únicos amores. Se é certo que o tempo foge, também é sabido que êle dá para muito, sendo bem aproveitado.

Porisso nos lembramos de criar neste burgo do Norte do país um pequeno órgão da Academia.

Aqui ficam estas colunas amigas ao dispor dos camaradas que se dignem verter nelas as lágrimas do seu scismar e o mel dos seus sorrisos. Que os sorrisos tem, por vezes, a doçura do mel.

Apatecemos ainda embrulhados nas faixas infantis. Mas contamos crescer e desenvolver-nos e sermos alguém nesta arena tumultuosa dos plunitivos.

Não é isto falta de modéstia. Não falamos por nós. Falamos pelas esperanças que nos inspiram os talentos que hão de vir

aqui manifestar as lucubrações do seu pensar e os recursos do seu saber.

E' necessário que os briosos académicos se convençam de que um jornal é um lindo laboratório onde entram em proficuas transformações as faculdades nativas do estudioso.

E' preciso penetrar as sombras desta fecunda retorta e nela desenvolver o germen bendito do intellecto.

A isto vimos. Abrir aos nossos camaradas este salãozinho de amor, onde êles possam fazer sorrir os eflúvios peregrinos do seu porfiado labutar na estrada santa da Instrução.

Festas nicolinas

Realizaram-se no molde geral dos derradeiros anos as nossas tradicionais festas de S. Nicolau.

Em 29 de novembro desceu do Cano, trazido e rebocado por umas 80 juntas de pacíficos e generosos bois, um descomunal pinheiro que nos seus 22 metros de dorso transportava uma enorme fila de rapazio.

O bovino cortejo lá deixou no alto do Campo da Feira o esguio tronco, levantado aos ares pelas horas mortas da noite.

No dia 1 do corrente tivemos a récita de gala, onde os nossos camaradas revelaram os esforços da sua geral boa vontade.

No dia 4 mantiveram-se as consagradas posses e á noite o clássico magusto, onde as castanhas saltaram quentinhas e o rascante saú a espumar.

No dia 5 desempenhou-se o preção. A bela poesia que para o bando compusera o sr. general Sousa Macátio foi apreciada como era de esperar.

No dia 6 distribuíram-se ás damas as apetecidas maçãs e á noite terminaram as festas com as danças costumadas.

* * *

Fazemos assim um rápido elenco das nossas festas. Sem comentários. Sem referências especiais.

Nelas queremos ver apenas a não interrupta canseira com que

a Academia Vimaranesse procura celebrar as tradições avoengas dos estudantes de outros tempos em que ainda Guimarães não gozava o alto benefício do liceu.

Bom é que no presente não pereçam as rosas gentis que revelam os cuidados de tão carinhosas mãos outrora dedicadas a este festival da nossa terra.

Porisso as festas continuaram e continuarão, perpetuando as saudades de muitos e o affecto de todos.

A nossa ortografia

Todos sabem que há muitos anos era um caos a escrita portuguesa.

Os caturras degladiavam-se e a babel continuava.

Enorme benefício foi, porisso, o da Comissão que o Governo Provisório nomeou para unificar as grafias entre nós. Os filólogos e linguistas que a compunham fizeram um prestantíssimo serviço que nos agradou altamente.

Somos estudantes. Manda a lei que adoptemos a nova ortografia. Fazemo-lo gostosamente.

Erraremos muitas vezes. Não há dúvida. Mas forcejaremos por ir progredindo nos ensaios que vamos fazer, praticando as conclusões a que chegaram os mais abalisados mestres da linguagem.

* * *

O trabalho da Comissão, aprovado e adoptado já, consta de relatório, formulário e prontuário.

E' um belo repositório para quem estuda.

Para o público menos paciente vamos nós resumir, quanto possível, os preceitos mais gerais. Serão doze, tantos como os Apóstolos que prégaram a doutrina do Nazareno.

Vamos a elles.

I. As consoantes dobradas passam a singelas, com excepção de *rr*, *ss*, *mm*, *nn*, quando accusarem diferença de pronúncia. Assim teremos *abade*, *ocupar*, *affecto*, *êle*, *ela*, *inocente*, etc.; mas *carro*, *cassa*, *emmalar*, *emmastrar*, etc.

II. *Ph*, *th*, *rh*, *ch*, com o valor *k*, serão substituídos por *f*, *t*, *r*, e *qu* antes de *e*, *i*, *c* em qualquer outra situação; o *y* será substituído por *i*; ex.—*filosofia*, *teatro*, *retórica*, *química*, *crisântemo*, *monarca*, *misto*, *física*, etc.

III. Os vocábulos esdrúxulos serão acentuados gráficamente: *fábrica*, *pêssego*, *água*, *mágoa*, *sêmea*, *rêgua*, *contínua*, etc.

O acento grave pertence às vo-

gais abertas, não tónicas. Portanto, *côrado*, *prêgador*, *pêgada*, etc.

IV. E' eliminado o *h* medial, mas conservado quando etimológico e inicial: *atrair*, *sair*, *inâbil*, *desumano*; mas *homem*, *humano*, *hâbil*; *ombro*, *ontem*, mas *hoje*.

V. As consoantes mudas que não influam na pronúncia da vogal (*a*, *e*, *o*) precedente, serão banidas; ex.—*satisfação*, *inscrição*, *escrito*; mas *adoptar*, *facção*, *directão*, e porisso *facto*, *adopto*, *directo*; *acto*, em razão de *acção*; *espectáculo*, *espectador*, etc. Assim também *sinal*, *aumento*, *Inácio*, *Inês*, *Madalena*, etc.

VI. Todos os vocábulos que se diferenciam na pronúncia devem ser diferenciados na escrita. Dêste modo a preposição *sobre*, distinguir-se há da forma verbal *sobre*, com o aberto; sêde diferente de sede; *louvámos*, no pretérito, de louvamos, com a fechado, mais usual, no presente. Assim *aquela* e *àquela*.

VII. Os ditongos orais serão sempre formados com *i*, *u*, vogais fracas; assim *pai*, *pau*, *oiro*, *ouro*, *seu*, *cêu*, *viu*, *azuis*, *argúi*, *sois*, *sóis*, plural de *sol*, *amai*, *vai*, etc.

Quando o *i* e o *u* forem predominantes, acentuam-se: *saída*, *saúde*.

VIII. Os ditongos nasais serão escritos, conforme o uso, *ãe*, *em*, *ens*, *õe*, *ão*; *mãe*, *comem*, *tens*, *põe*, *botão*, *órfão*.

O ditongo *em* quando seja predominante receberá o acento circunflexo: *armazém*, *armazêns*, a par de *margem*, *margens*; *porém*, *conjunção*, e *porem*, verbo; *contêm*, de *conter*, e *contem*, de *contar*.

IX. O *ç* final será diferenciado de *s* na mesma situação, conforme a história da língua: *vês*, verbo, *vez*, substantivo; *português*, *cortês*, suprimindo-se o acento quando o *s* não seja final: *francesa*, *franceses*.

X. Observar-se há rigorosamente a distinção entre o *ç* e *s* entre vogais: *casa*, *defesa*, *rosa*, a par de *avareza*, *groza*; *pesar*, *prezar*; *coser*, com agulha, e *cozer*, ao lume.

XI. E' conservado o *sc* inicial: *sciência*, *sceptro*, *scepticismo*.

Nos vocábulos derivados duplicar-se há o *s*, quando a pronúncia o exija: *prosseguir*, *pressente*, *ressentir*.

XII. Escrever-se hão sem apóstrofo, que se deve evitar quanto possível, as flexões dos pronomes seguintes: *dêste*, *dêsse*, *dêle*, *daquele*, *nesto*, *nesse*, *nele*, *naquele*,

do, *no*, *num*, *noutro*, *nalgum*. Fora disto escrever-se há *de um*, *de outro*, etc.

O pronome pessoal enclítico liga-se ao verbo com um traço: *Tu faze-lo* e *eu não posso fazê-lo*; *louvá-lo*, *ouvimo-lo*.

Sinapismos...

E as batatas??!

Constou-nos que a Comissão das Festas Nicolinas tinha adquirido alguns sacos para recolher as *batatas* da «Alvorada».

Afinal as festas fizeram-se e ainda esperam por elas.

Tratamos de inquirir qual o destino que lhe haviam dado e fomos informados de que ficaram a *grelar* na *cachimónia* do articulista.

Fazemos votos para que a produção seja abundante; mas o terreno é pouco fértil.

Sr. articulista, queira aplicar-lhe os adubos químicos da casa—*a modéstia*—para evitar a herva daninha—*a vaidade*—que lhe tem estragado a propriedade.

O «Rebate falso» tinha o cheiro do ácido sulfídrico.

Doeu-lhe? Tenha paciência, que, segundo o adágio popular, é boa para a vista.

*

Os fais... «astutos»

O fr. António dos *para-águas*, enristando solenemente uma das varetas do seu velho *guarda-chuva*, escreveu e publicou na «Alvorada»: «As Festas Nicolinas proseguem em obediência aos tais estatutos «astutos». Etc. etc.

Em seguida, qual outro herói de relevantes feitos, em gesto nobre e altivo, ordenou—Publique-se.

Ai, ai, fr. António, o que fez o «Rebate falso»? Deu-lhe voltas ao *toutiço*, não há que duvidar.

Então «astutos»? Eles que outrora eram tam bons rapazi-nhos!?

Compreenderam a vossa «astúcia» e julgaram mais conveniente que o tal «Rebate» fôsse..... para o barril do lixo.

Nada mais por hoje.

Pêsames

Damo-los ao snr. Joaquim Monis pelo falecimento de sua estre-mecida esposa.

Conhecedores dos predicados que adornavam a saudosa morta, avaliamos a dor enorme que tanto punge o coração do nosso excelente amigo.

BANDO ESCOLÁSTICO

Recitado pelo aluno

Arnaldo Passos

EM 5 DE DEZEMBRO

Embora pouco o azeite e caro o bacalhau,
Há de a festa brilhar do nosso Nicolau;
Não perde o seu folgar a nossa Academia
Sempre no mesmo tom, na mesma galhardia;
A mocidade assim, desconhecendo dores,
Não se importa do azeite, importam-lhe os amores;
A vida é o amor, oh! loira mocidade!
Querem que tu já chores nesta tão bela idade!
Que importa o azeite caro, ou mesmo o bacalhau?
Não fica sem *festança* o nosso Nicolau.

Haja embora quem diga—a festa é já sêdiça,
Que o Povo já não quer nem festas, nem a missa,
Já graça não encontra á chocha versalhada
Que não tem sal nenhum, que não presta p'ra nada,
Que é melhor dar-lhe fim, dar fim ás *zabumbeiras*
Que fazem estrugir as nossas *mioladeiras*;
Mas quem assim pensar atesta bem que é tolo,
Que macacos já tem a moer-lhe o miolo.

Não julgue quem pensar assim, dessa maneira,
Que nos faz recuar da festival canseira;
E' alegre a mocidade e o sangue anda a pular,
E o Povo quer-se rir, e o Povo quer gozar;
E a festa há de reinar, não finda nem a pau,
Embora finde o azeite e finde o bacalhau.
Que a brincadeira e o amor também nos alimenta
Quando temp'rada fôr, com bom sal e pimenta.

Que importa mude o fado p'ra lei mais infeliz,
Como a que fez mudar o antigo chafariz?
Como também mudou, por idêntica lei
O nosso egrégio herói, nosso primeiro rei,
Julgando que êle assim, no jardim do Tournal,
Pudesse namorar damas, seu ideal.
Tudo pode mudar por um fado iracundo,
Não muda à mocidade o seu folgar jucundo;
Enquanto houver amor e mulheres fagueiras,
Hão de sempre reinar as festas galhofeiras;
Quem ordena é quem pode, é o Santo Nicolau,
Embora seja aqui, um santo só de pau.

E tu, ó Guimarães, princesa entre as mais belas
Que encerras em teu seio as mais gentis donzelas,
Que és do Minho o p'raiso em mimos e em primores,
Que dás à mocidade inspirações de amores,
Não deixes de prezar os jovens estudantes
Que te serão *liaes*, que te serão constantes,
Constantes em louvar teus dotes de beleza;
Em nós confia, e creê nossa imortal firmeza.

Tricanas desta terra e lindas costureiras,
Escutai o que eu digo, e vós também, sopeiras:
Dai vida, amor e alento aos nossos corações
Que se podem gelar, neste mar de ilusões,
Sem a esp'rança sequer que venha um só sorriso
Do vosso doce agrado abrir-nos um p'raiso;
Bem podereis saber que a bela mocidade
Apenas tem um fito—o amor, a liberdade!

*

Mudemos pois agora as nossas *chiadeiras*
P'ra assunto que não é p'ra grandes brincadeiras.

*

Escutai-nos também vós, que estais ás janelas,
Damas nobres, gentis, encantadoras, belas,
Que temos de falar sobre um caso engraçado,
Fresquinho, que inda há pouco assim nos foi contado:

Consta que a nossa deusa, a velha ralhadeira (1)
Que foi—(Bendito Deus!)—grande namoradeira,
Que já nem bem segura um gato pelo rabo,
Do Cupido e de nós diz coisas do diabo!

Queixou-se ao deus Apolo, e foi-lhe assim dizendo:
Que por tudo o que sabe e pelo que está vendo
E' nulo este liceu, que, dentro da cidade,
E' a plena perdição de toda a mocidade;
E afirma quanto diz a velha fedorenta,
Entre outras mil razões estas que ela apresenta:

Diz que nesta cidade ha moças int'ressantes,
Damas de encantos mil todas muito galantes;
Que por esta razão a grande estudantada,
Doidinha, a namorar, já não estuda nada.
Tambem se queixou mais dum lôgro a ela feito,
Pondo a dentuça em vós, e sem nenhum respeito!

Diz que ao muito rogar das damas da cidade,
Julgando as petições feitas com lialdade,
Fez que se estabelecesse aqui um bom liceu;
Dizendo, arrependida: o grande mal foi meu.



FESTAS NICHINAS DE 1911



Mas, sempre com despeito, ao ver que foi lograda,
Contra vós a fanfar, sempre a dar-vos dentada,
Medita, e diz assim: O' grandes feiteceiras,
Manhosas como são lebres das mais matreiras!
Então liceu, liceu, aqui p'ra Guimarães?!
Rapazes cá p'ra nós, e o liceu para os cães!
Velhacas de uma figa! então *namoratário!*?
E p'ra o liceu—babau!—apenas gaiolório?!
.....

Assim dizia a deusa em si; mas, despertando,
Tornou p'ra o deus Apolo á queixa acrescentando:

Qual liceu, nem liceu! delas o fim manhento
Tinha só no casório o grande fundamento.

A ideia por que eu fui por elas intrujada,
Foi p'ra terem por cá muita rapaziada;
E eu, que velha já sou, que sou velha matreira,
Sem no lôgro atentar, caí na ratoeira!!

Assim Minerva a Apolo expôs quanto se passa,
E Apolo respondeu: "Então que quer que faça?
Quer que eu mande o liceu p'ra a serra da Falperra?
Não seja assim tão má, não seja assim tão perra.."

Temos por nós o Apolo, assim do nosso lado;
Não valem de Minerva o seu arrazoado,
E o liceu ficará aqui nesta cidade,
P'ra plena reinação de toda a mocidade;
Pois que importa por fim ter mais uma raposa?
O nosso fim é amar, procurar uma esposa
Que tenha um dote bom. Que nos importa o estudo?
Quem dinheiro avezar, tem sciências, tem tudo.
Pois, não será melhor do que estudar latim,
Ir estudar amor nos olhos dum querubim?
Que importa a geometria, a dura matemática
Invenção que é causal de haver gente lunática?
Passar a mocidade a matracar no estudo,
Só quem fôr muito tolo, ou animal lanzudo.
A mocidade passa, e passa num momento,
E' fumo que se esvai, que se desfaz com o vento.

Viva Cupido pois, e vá Minerva á fava,
Ela que seja tola, ela que seja escrava.
Amar, isso é que é belo, amar um rosto lindo
E' dum prazer sem par, é dum prazer infindo.
A vida é uma ilusão, efêmera a mocidade,
Nada de a murcheecer, busquemos liberdade.
Ralhe embora a Minerva, a sua rabujice
E' filha do mau caco, é prova de velhice.

*

Eia pois, lindas damas primorosas,
Não deixeis de prezar os estudantes,
Amanhã nos vereis mais imponentes,
Como heróis em mil lutas triunfantes

E consenti que, em plena liberdade,
Sem que levem a mal vossas mamãs,
Vos sejam por nós todos of'recidas,
Como brinde de amor, doces maçãs.

Que nós, para gozarmos a delícia
De vermos vossos rostos delicados,
E' que nos empenhamos nesta festa
P'ra mer'cermos assim vossos agrados.

P'ra vós é a maior honra do festejo,
Não é só para o Santo Nicolau,
Que vós sois divindades cá da terra,
E o nosso Santo aqui, é só de pau.

Mas, Senhoras, é lei do Padre Eterno
O que é bom não durar por muitos dias;
Amanhã, ao chegar a meia noite,
Catrapus! Lá se vão nossas folias.

Portanto, um adeus sandoso aqui firmamos,
A vós, e a muitas outras raparigas,
Pedindo que dos jovens estudantes,
Sejam sempre—bem de alma—muito amigas.

*

Vai terminar do Bando a sua *cantilena*
Que foi toda em galhofa, e não em prosa amena.
A nobre Academia, a bela mocidade,
Sempre em bela união, boa fraternidade.
Atrás não quis ficar dos outros já passados,
Posto que os bolsos seus não são muito abastados.
Embora caro o azeite, o vinho e o bacalhau,
Quiseram festejar o Santo Nicolau.

Sousa Macário.

1) Minerva.

FESTAS NICOLINAS DE 1911

DANÇAS

No país da orgia

I

Estudantes

Todos saudemos a Orgia,
Este bom país do vinho!
Tudo hoje seja alegria
No reino da Bizarria,
Que é este formoso ninho.

Damas

No mundo não há melhor
Do que beber e cantar.
Eia, rapazes! Valor!
Porque o vinho e o amor
Andam juntos, sempre a par.

Estudantes e Damas

Empunhe-se a taça
A saudar:
E logo se passa
A entornar.

Todos nos unamos
P'ra folgar.
Amemos, bebamos
Sem cessar.

II

Estudantes

Ai! Minerva e Nicolau!
Valha-nos Deus, que rascada!
Pois vieram dar connosco
Nesta grande patuscada.

Damas

Socegai, que não faz mal.
Deixai-vos estar em paz.
Minerva é boa pequena,
Nicolau é bom rapaz.

Nicolau

Que pouca vergonha é esta,
Seus marótos refinados?!...
E' para isto que eu ando
Em vocês com mil cuidados?!...

Minerva

Eu também de protegê-los
A cometer a tolice,
Para afinal se entregarem
A' mais franca cabulice...

Estudantes e Damas

Esta vida são dois dias
Dum enganoso porvir.
Bem tolo é quem se mata
E se anda a consumir.

Deusa e santo, atendei
Esta ardente mocidade.
Deixai que ela brinque e guarde
Os jejuns p'ra a vossa idade.

III

Estudantes

Vá, Nicolau...
Ai...
Toca a animar,
Que vais alegres
Horas passar.

Damas

Eia, Minerva...
Ai...
Vem cá p'ra a festa,
Que dêste mundo
É o que nos resta.

Estudantes e Damas

A vida é isto...
Ai...
Rir e brincar.
E' a melhor forma
De a passar.

Leve o diabo...
Ai...

Nossas paixões.
Vamos p'ra o mundo
Das ilusões.

Minerva e Nicolau

Êstes rapazes
A implorar,
A pedir
E a teimar...
São bem capazes
De enlevar,
De iludir,
De tentar.

Muito segredo,
Mas a valer.
Jurai-nos todos
Nada dizer.

Porque isto é grave,
Grave a valer,
Se Deus e Apolo
Vem a saber.

Todos

Muito segredo,
Mas a valer,
Juremos todos (bis)
Nada dizer.

Porque isto é grave,
Grave a valer,
Se Deus e Apolo (bis)
Vem a saber.

Não há remédio...
E' pactuar,
E' esquecer,
E' perdoar.
Largar o tédio
E cantar,
E beber,
E amar.

IV

Côpo

Quando me vejo ao pé de ti,
La-ri-ló-lá! La-ri-ló-lá!
Cuido que o mundo todo aqui,
Todo aqui está.
La-ri-ló-lá!

Quando aperto a tua mão,
La-ri-ló-lé! La-ri-ló-lé!
Todo feliz meu coração
Aqui se vê.
La-ri-ló-lé!

Ah! tem as rosas sempre
Encantos mil.
E' lindo o céu estrelado
Todo anil.

E' bela a natureza,
Toda inteira.
E' meigo o rouxinol
Pela balseira.

Porém melhor p'ra mim
Ainda há.
E's tu, só tu,
La-ri-ló-lá!

La-ri-ló-lá! La-ri-ló-lá!
Já vês, toda a minha alma
Em tua mão está.

La-ri-ló-lá! La-ri-ló-lá!
A sorte é caprichosa...
Ora aí está.

V

Fado

Dizem que há pouco juízo
Que vai tudo em retrocesso;
Mas ao menos em loucuras
Vê-se que avança o progresso.

Até o azeite fez greve,
Mal deixa ver o nariz,
'Stá o litro a seis tostões
E quem o apanha é feliz.

'Té o nosso Afoaso Henriques
No Tournal por alimento,
Sem azeite p'ra os guisados,
Só come chuva e mais vento.

Guimarães faz gala em festas,
É a sua maior divisa,
Embora ponha no prego,
Toda a farpela e a camisa.

E nós também por contágio,
Com desejo de folgar,
Gastamos a massa toda
E ficamos a apitar.

Adeus, damas primorosas,
A nossa festa está finda;
Deus permita que p'ra o ano
Possamos gozá-la ainda.

VI

Eia, avante, rapazes, sigamos
P'ra o amor nosso doce pensar.
E assim todos nós procuremos
Nicolau e Minerva encantar.

Finde a festa com grande espanto.
P'ra as lições temos já protectores.
E depois quando a cabra tocar
Estudemos, deixando os amores.

O' formosas! adeus com saudade
Vos dizemos, pois vamos embora.
Se, porém, vós ficardes com pena,
Pena tem quem a vós tanto adora.

Não é sina que manda marchar,
Nem tam pouco outro algum fado mau;
E' o dever e então, sobretudo,
E' Minerva e mais Nicolau.

O CALOIRO

Quinzenário Académico

PREÇO DA ASSINATURA

Semestre	240 rs.
Trimestre	120 "
Numero avulso	20 "

(Pagamento adiantado)

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
Permanentes, contracto convencional.	"
Anúncios, não judiciais, para os ars. assis-	nantes 25 % de abatimento.

O CALOIRO

Ex.^{mo} Sr.